



**A GRAMÁTICA DOS SABORES:
signo linguístico e os discursos no espaço da cozinha**

**THE GRAMMAR OF FLAVORS:
the linguistic sign and discourses in the kitchen space**

Fernando Lionel Quiroga

Doutor em Educação e Saúde, pela Universidade Federal de São Paulo, UNIFESP.
Professor do programa de pós-graduação em Educação, linguagens e Tecnologias, PPG IELT,
da Universidade Estadual de Goiás.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8336467140213369>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4172-2002>

E-mail: fernando.quiroga@ueg.br

Pedro Henrique da Silva Guimarães

Licenciado em Ciências Sociais pelo Instituto Federal de Goiás, campus Anápolis. Aluno Regular de mestrado, no Programa de pós-graduação em Educação Linguagens e tecnologias, PPG IELT, da Universidade Estadual de Goiás, UEG.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5244379010673625>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-4444-6877>

Email: socialesguimaraes@gmail.com

Ismênia Maria de França Soares Andrade

Graduada em Letras, pela Universidade Estadual de Goiás, UEG. Especialista em Gestão Educacional, pela Faculdade Católica de Anápolis. Aluna Regular de mestrado, no Programa de pós-graduação em Educação Linguagens e tecnologias, PPG IELT, da Universidade Estadual de Goiás, UEG.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3832630849068668>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-9481-7857>

E-mail: ismeniamarya2@gmail.com

Kelly Aparecida dos Santos Ambrósio

Graduada em Pedagogia, pela Universidade Estadual de Goiás, UEG. Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional, pelo Centro Universitário Internacional, UNINTER. Aluna Regular de mestrado, no Programa de pós-graduação em Educação Linguagens e tecnologias, PPG IELT, da Universidade Estadual de Goiás, UEG.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3244672666359223>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-2946-0582>

E-mail: kellyabsantos@gmail.com

Resumo

Este artigo investiga as intersecções entre o signo linguístico, a análise do discurso e a antropologia, centrando-se na percepção olfativa no ambiente culinário. O estudo propõe que a cozinha e os aromas nela produzidos funcionam como territórios discursivos e produtores de sentido, indo muito além da comunicação estritamente verbal. Com base nas perspectivas de Ferdinand Saussure sobre a dimensão psíquica do signo e nas abordagens da análise do discurso, o trabalho sugere a expansão do conceito de "imagem acústica" para abranger também os elementos sensoriais, especialmente o olfato. Utilizando o panorama antropológico de "tornar estranho o que é familiar", demonstra-se que a cozinha atua como um arquivo vivo de memória afetiva e coletiva. A pesquisa, de base bibliográfica e teórico-interpretativa, adota uma perspectiva transdisciplinar que envolve literatura comparada, antropologia e linguística. O texto argumenta que o cheiro opera como um signo performativo e um "enunciado sensível", capaz de resgatar vivências, acionar laços de parentesco e estabelecer demarcações identitárias e culturais — exemplificadas pelas distinções no uso regional do azeite de dendê e do azeite de

coco. Além disso, os odores estão submetidos a uma "ordem do discurso", funcionando como marcadores de classe, gosto e posições ideológicas que estruturam as relações sociais cotidianas. Conclui-se que este esforço interdisciplinar enriquece a compreensão da enunciação, evidenciando que o discurso é atravessado pelas experiências corporais e se materializa profundamente na sensorialidade e nos aromas.

Palavras-Chave: Signo Linguístico; Análise do Discurso; Antropologia

Abstract

This article investigates the intersections between the linguistic sign, discourse analysis, and anthropology, focusing on olfactory perception in the culinary environment. The study proposes that the kitchen and the aromas it produces function as discursive territories and producers of meaning, going far beyond strictly verbal communication. Based on Ferdinand Saussure's perspectives on the psychic dimension of the sign and approaches from discourse analysis, the work suggests expanding the concept of "acoustic image" to include sensory elements, particularly smell. Using the anthropological framework of "making the familiar strange," it is shown that the kitchen acts as a living archive of affective and collective memory. The research, based on bibliographic and theoretical-interpretative methods, adopts a transdisciplinary perspective involving comparative literature, anthropology, and linguistics. The text argues that smell functions as a performative sign and a "sensible utterance," capable of recalling experiences, activating kinship ties, and establishing identity and cultural demarcations — exemplified by regional distinctions in the use of dendê oil and coconut oil. Furthermore, odors are subjected to an "order of discourse," serving as markers of class, taste, and ideological positions that structure everyday social relations. It is concluded that this interdisciplinary effort enriches the understanding of enunciation, demonstrating that discourse is permeated by bodily experiences and materializes profoundly in sensoriality and aromas.

Keywords: Linguistic Sign; Discourse Analysis; Anthropology

Considerações Iniciais

Todas as pessoas produzem enunciados, todas as pessoas se comunicam, mesmo que não seja da forma vocal da comunicação. Não é recorrente dedicarmos tempo a pensar no que o outro disse. Salve os casos em que o comunicador está repleto de condições sociais distintivas e em espaços legítimos de produção do discurso a ser considerado. Ou, em certos casos, dedicamos tempo quando o enunciado nos atravessa. Seja pelo caráter sentimental que a enunciação pode gerar no alocutário, seja pela força que o enunciado legítimo-distintivo¹ (p. ex. em casos jurídicos) pode gerar, até mesmo, dissolver as perspectivas de liberdade de alguém

¹ “[...] as diferentes autoridades envolvidas, no seio do campo de produção especializado, na concorrência pelo monopólio da imposição do modo de expressão legítima, podem assegurar a permanência da língua legítima e de seu valor (ou seja, do reconhecimento que lhe é conferido).” (Bourdieu, 2008. p. 45).

Antes mesmo de algo dito passar pelo crivo da análise do discurso, faz-se necessário passar pelas “coisas ditas”², pelas variações compreensivas do que constitui um enunciado. Discurso e enunciado participam de uma mesma conjuntura, porém, há elementos que compõem as coisas ditas, diferentes para um e para o outro. As centralidades das análises, mesmo que muito estreitas, podem se distanciar. Por exemplo, quando o locutor enuncia, os estudos sobre a enunciação visam “ver como o sentido se forma em palavras” (Benveniste, 1989). Nas ciências do discurso, a figura do locutor e o público alocutário, tem maior prioridade. Os arredores imprescindíveis para conceber o que foi dito na análise do discurso, crítica ou de linha francesa, diferem, quando o empreendimento, a ser analisado, é propriamente o ato do “eu”³ enunciar. Há uma inspeção propriamente sintagmática no nível da frase proferida. Por conseguinte, nas investigações críticas do discurso, há mais atravessamentos externos a serem considerados.

A análise do discurso é ferramenta primordial para compreender, sobretudo, duas coisas: a constituição de quem fala, bem como o manuseio dos interesses subsumidos na forma em que se fala. Ou seja, há algo para além das comunicações por via escrita (costumeiramente entendida como a forma séria da comunicação) uma vez que, a perenidade do anunciado vocal faz-se presente. As ideias do locutor são rapidamente esquecidas em meio ao cotidiano. Em segundo lugar, a linguagem é a forma dos seres humanos se comunicarem por meio de um sistema de signos. Também por isso, “a linguagem é para o homem um meio, na verdade o único meio, de atingir outro homem, de lhe transmitir e de receber dele outra mensagem” (Benveniste, 1989. p. 93). A partir da produção do enunciado, a condição para conceber o discurso se estabelece. Assim, as complementaridades entre si se estreitam. Nas individualidades do uso da língua, introduz-se em primeiro lugar, o locutor, como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Antes do ato de fala, a língua não é nada mais do que a possibilidade da própria língua.

A partir do momento em que o sujeito fala, enuncia, “a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno”. (Benveniste, 1989. P. 84). Nesse momento, retomo

² Retorno a Bourdieu, Pierre. Coisas ditas. São Paulo: Brasiliense, 2004. Para parafrasear um simples enunciado, *uma coisa dita*. Também é referência para pensar como um enunciado, palavra, pode representar noções distintas nas ciências sociais. *P. ex.* a palavra “interesse” para a economia e sociologia.

³ “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (Benveniste, 1989. p. 82)

elementos do discurso que devem ser levados a sério, p. ex. as condições de felicidade⁴ em que o outro pode compreender certo discurso. Uma vez que, assim como há formas diferentes de se pintar um quadro, o discurso também carrega em si, gêneros. Calçado nas intenções individuais, o pintor e o palestrante, trazem consigo as capacidades das manipulações para uso particular. Também por isso, as formas como alguém pode falar certas coisas “pressupõe a variedade dos escopos intencionais daquele que fala ou escreve. O desejo de tornar seus discursos inteligíveis é apenas um elemento abstrato da intenção discursiva em seu todo”. (Bakthin, 2016. p. 9).

O enunciar tem aspectos, e um deles é a produção dos signos linguísticos. O signo no discurso, mostra o percurso imaginativo da língua, “o signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces” (Saussure, 1916). Sobre este tópico, juntamente com a semiótica, pretendo articular condições e exemplos em que a análise do discurso pode ser suscitada. Em Saussure, a língua é um princípio de classificação. No nível da enunciação, o discurso é a atividade verbal social⁵, portanto, indissociável dos meios e, novamente, um princípio de classificação. Dessa forma, me lanço a articular sobre as formas de enunciação, signos, e exemplos de análises do discurso e suas perspectivas.

Sobre as composições dos signos

O esforço de delimitação epistemológica está no interior de qualquer ciência. Na linguística, sobretudo quando se perguntam sobre o objeto de estudos propriamente dito, Saussure nos apresenta as considerações iniciais. A exemplo das ciências políticas que tem como objeto majoritário a democracia, um objeto performativo, em Saussure quando compreende a língua sendo o objeto da linguística, os dois recortes apontam para uma noção: um objeto socialmente mutável, cheio de heterogeneidades e, sobretudo, arbitrário. Para dar a língua um primeiro lugar nos estudos da linguagem, pode-se recorrer o argumento de que a ciência - natural ou não - de articular palavras, “não de exercer senão com a ajuda de instrumento criado e fornecido pela coletividade; não é, então, ilusório dizer que é a língua que faz a unidade da linguagem” (Saussure, 1916. p. 18)

⁴ *As condições de Felicidade*, que Bourdieu traz em seu texto, diz respeito às instituições capazes de definir condições (em matéria de agente, de lugar e de momento) para que certo enunciado cumpra perfeitamente o que pretende. Sendo assim, um enunciado performativo, feliz. Ver sobre em Bourdieu, Pierre. *A Economia das Trocas Linguísticas*, 2018. p. 59.

⁵ José Luiz Fiorin, 2009. p. 149

Por vezes, o enunciado não está resumido nele mesmo, pode conter metáforas, metonímias, sobretudo hipérboles⁶. Abstrações de infinita natureza. Aliás, até nas relações de amor se encontram signos. As relações de amor, também chamadas de laços sociais, ao qual Freud designou transferência⁷. Dessa forma, “o amor é o signo de que se muda de razão, pode querer dizer que a transferência é o signo de que se muda o discurso.”. (Gerbase, 2007. p. 77). O espaço deixado entre um enunciado que se encerra em si mesmo e a abertura para a abstração, encurta-se compreendendo o caráter psíquico e psicofísico da língua. Em discurso, está em jogo compreender não só o que foi dito, mas também projetar compreensão do que o sujeito queria dizer. Daí a complexidade da enseada linguística.

Saussure nos mostra a capacidade da língua em relação a nos comunicar, mas também em recuperar as imagens acústicas⁸, estabelecida pelo longo processo arbitrário de apreensão da língua. Quer dizer que, o signo linguístico, quando se apresenta, só pode ser compreendido se a relação (conceito - imagem acústica e/ou imagem impressa na mente) estiver concebida, diagramada, no espaço psicológico. Eu só posso compreender que um lápis remete a um papel, se papel e lápis fizerem parte do meu panteão mental linguístico. E, o nome das coisas, suas representações e significados são absorvidos socialmente de forma arbitrária. Saussure menciona “o caráter psíquico de nossas imagens acústicas aparece claramente quando observamos nossa própria linguagem. Sem mover os lábios e a língua podemos falar conosco ou recitar mentalmente um poema”. (Saussure, 1916. p. 80)

Por conseguinte, nas propriedades psíquicas do signo, estendemos uma preocupação de análise. Para a noção sensorial que não deixa, também, de ser psicológica. O mundo sensorial, (com suas características de produção), também é o mundo dos signos. Aliás, quando se pensa no mundo animal, isso fica mais claro. Por isso, os aparelhos de situações espaciais “constituído pelos órgãos do olfato, é infinitamente mais sutil com as suas identificações, do que com os órgãos de relação bucal”. (Leroi-Gourhan, 2002. p. 98). O mundo animal é, sobretudo, o mundo dos cheiros. Ressalto que, nos animais, a capacidade olfativa melhor desenvolvida “serve para

⁶ As hipérboles são muito utilizadas em discursos vocais, sobretudo para descrever alguma situação vivida. A constatação da presença da hipérbole nos discursos indica uma tentativa dupla; resgatar quase que por completo a experiência vivida; e, o esforço de relatar o ocorrido que passa do empiricamente verificável. Uma via de mão dupla.

⁷ “O que mais tarde Freud vai chamar de *transferência*, ou seja, essa relação entre paciente e o médico, quando perturbada, surge no processo de tratamento como resistência, sendo considerado por ele, como o obstáculo de maior dificuldade a ser enfrentado. (Freud, 1893-1895).” (Pinheiro, 20014. P. 8). Assim, a transferência do amor pode apresentar dificuldades no intercâmbio afetivo, parte principal nas motivações da busca por tratamento psicológico. O desequilíbrio afetivo contorna o discurso.

⁸ “A imagem acústica é, por excelência, a representação natural da palavra enquanto fato de língua virtual, fora de toda realização pela fala.” (Saussure, 1916. P. 80, Ibidem).

buscar alimentos ou parceiros sexuais, para alertar da presença de predadores, para demarcar território, para reencontrar seu rebanho, para identificar o estado emocional de outras espécies.” (Atem e Abreu, 2018. p. 7).

Dessa forma, a noção de imagem acústica produzida por Saussure, pode se estender aos elementos sensoriais, como p. ex. a visão e, sobretudo, o olfato. Momento em que o autor amplia essa relação dual a “conservar o termo signo para designar o total, e a substituir conceito e imagem acústica respectivamente por significado e significante”. (Saussure, 1916. p. 81). As condições de mencionar os aparelhos sensoriais que produzem signos, se amplificam. Neste ponto, faz-se necessário o recurso à antropologia. Há uma vasta investigação sobre essa temática e, não há, aqui, intenção de produzir um recorte novo, mas sim em analisar algumas formas de percepção da fluidez do signo. Desde o campo da linguagem à antropologia verifica-se em; Sebeok (2001); Parmentier (1994); Singer (1978); Geertz (1973); Turner (1969); Keesing (2012); Leroi-Gourhan (2002), uma vasta produção que se articula, majoritariamente, a partir de análises de campo, linguagem e símbolos. Reiteramos, como demonstraremos posteriormente, a importância dessas investigações para a análise do discurso.

O espaço da cozinha

Movimento metodológico muito comum na antropologia é a noção de - tornar familiar o que é estranho e tornar estranho o que é familiar. Trata-se de um exercício teórico-prático em que o etnógrafo, p. ex. consegue se estabelecer em pesquisas de campo complexas, como as investigações de campo realizadas por Bronisław Malinowski, feita com os Trobriandeses; Lévi-Strauss, feita com os Nambikwara, e, mais recentemente, por Carlos Emanuel Sautchuck, quando desenvolve pesquisa sobre Técnica e Pessoa, na caça da guriuba e do pirarucu, no estuário do Amazonas. Todas essas análises feitas em lugares não comuns à vida do pesquisador, foram sendo desenvolvidas com o esforço do pesquisador para tornar a nova empreitada algo comum. Assim se consegue gerar melhor interação e, consequentemente, mais riqueza de detalhes. Na cozinha não é diferente. O exercício contrário se estabelece quando a prática de cozinhar, corriqueira para muitas pessoas, torna-se algo estranho. Estranho no sentido de que sua prática esconde nuances linguísticas e sensoriais dispostas do sousplat da mesa ao cheiro do manjerição. Visto que, como ponderei acima, a superestrutura da sensação gastronômica é essencialmente olfativa.

Sobre a noção de cheiro propriamente dita, como capaz de analisar sua capacidade de guardar memórias de; felicidades, tristeza e até mesmo, raiva, o cheiro condiciona um espaço

afetivo no imagético das pessoas. Assim, nas movimentações para a preparação de uma comida, algumas lembranças se estabelecem. Os órgãos proporcionadores do olfato (bulbo e epitélio olfatório), de maneira geral não produzem uma dualidade, “o olfato, sendo meramente receptor, não dispõe de qualquer órgão complementar de emissão de símbolos de cheiro” (Leroi-Gourhan, 2002. p. 98). Quer dizer, do aparelho respiratório/olfativo não gerar, externaliza materialmente nada.

Em culturas distintas, etapas e processos da produção da comida são facilmente percebidas. Por mais que a comida seja majoritariamente semelhante, como é o caso da moqueca baiana e a moqueca capixaba, no qual o ingrediente divisor de águas é azeite de dendê, nota-se, em especial, a distinção de cheiros entre os dois pratos.

As ligações que se estabelecem entre cozinha e regionalismos culturais são quase que exclusivamente olfativas. O cheiro é capaz de estabelecer um reconhecimento étnico/regional. Sendo assim, são inúmeras as cozinhas em que o arroz serve de ingrediente básico, mas é impossível confundirem-se “pratos de arroz malgache, chinês, indiano, húngaro ou espanhol, devido ao fato de o tratamento culinário originar a criação de um conjunto olfato-gustativo específico de cada cultura”. (Leroi-Gourhan, 2002. p. 98).

Dessa forma, bem como os requeridos pratos brasileiros, outros pratos quando se apresentam, estabelecem delimitações culturais, ancestrais. O rito de disposição dos pratos, retoma as tradições, os líquidos e molhos que são servidos, a forma em que se rala o queijo etc. Porém, nas relações sociais olfativas em que o cheiro é condutor da memória, o signo se estabelece. De tal forma que “a aliança do tomilho com o sal e a noz-moscada é intraduzível em movimentos ou até mesmo em simples palavras”. (Leroi-Gourhan, 2002. p. 99).

Ainda sobre a conexão (visão-olfato-expressão), é importante considerar processos históricos que marcam não só o desenvolvimento da linguagem em suas variações, como marca o percurso humano rumo às apreensões mentais mais sofisticadas, a abstração. A possibilidade de representar o que foi vivido, mas também, projetar o não vivido, baseado nas experiências cumulativas, a incorporação do signo.

Vale ressaltar que o recurso à ilustração não é por acaso. Na perspectiva sensorial, tanto o cheiro como a visão e a representação da visão, indicam um processo de sofisticação da técnica e constituição do ser humano. O aparecimento do símbolo gráfico no final do paleolítico, indicaria relações novas entre dois polos operacionais, “(mão-utensílio) fazendo intervir primeiro a motricidade da mão na transformação do pensamento em instrumento de ação material e depois em símbolos”. (Leroi-Gourhan, 2002). Também por isso, na técnica e na

linguagem da totalidade dos antropoides “a motricidade condiciona a expressão, na linguagem figurada dos antropoides mais recentes a reflexão determina o grafismo.” (Leroi-Gourhan, 2002). Dessa forma, a caça, o momento da alimentação, a produção dos cheiros, a lembrança e a produção dos signos condicionam, também, o grafismo. Desde as primeiras experiências humanas.

Figura 1



Fonte: SPOSOB, Gustavo. Paleolítico. Humanidades, 2024. Disponível em:
<https://humanidades.com/br/paleolitico/>. Acesso em: 27 mar. 2026.

O momento da produção da comida é algo de valor em qualquer cultura, é o que faz criar identidade. Pode-se assim, encontrar no nível da frase, elementos que estruturam a produção da tradição e da cultura. O enunciado, dessa forma, não finda em si mesmo, ele carrega um emaranhado de conectivos com o passado, sobretudo a partir daquele que enuncia. Vale lembrar que, “o enunciado – oral e escrito, primário e secundário, em qualquer esfera da comunicação verbal – é individual, e por isso pode refletir a individualidade de quem fala (ou escreve).” (Bakhtin, 2016, p. 4).

O ambiente da cozinha e a produção dos discursos olfativos

A cozinha como lugar de comer, de fazer refeições, é uma construção recente na história do percurso humano. Comer, nunca teve um lugar facilmente identificável. Portanto, o espaço/lugar de comer é relativo e cultural, necessariamente heterogêneo. Nesse sentido, ao nos referirmos à cozinha, o lugar, tentamos deixar mais objetivo o espaço dos cheiros. Mesmo que o espaço do cheiro seja, necessariamente, qualquer espaço, qualquer lugar. O cheiro é carregado, pela presença dos ventos ou conduzido, pela presença de um ventilador, p. ex. Não precisando estar em um determinado lugar (a cozinha) para senti-lo. Assim, cabe ressaltar, o

espaço para a comida propriamente dita. Esta sim, é, talvez, a centralidade de muitas culturas e o meio para a produção dos cheiros e seus desdobramentos, como a afetividade, a manutenção da cultura e a impregnação psicológica a partir do olfato.

Também por isso, o que compreendemos sobre, está inserido em um corpo substantivo de materiais culturais historicamente derivados, “a comida e o comer assumem, assim, uma posição central no aprendizado social por sua natureza vital e essencial, embora rotineira.” (Mintz, 2001. p. 31).

A comida para a ciências sociais, é melhor abordada em relação a suas implicações sociais. Porém, análises sobre a comida em si, como objeto etnográfico, muda quando o livro de Audrey Richards é publicado, “aluna de Malinowski, Land, labour and diet in Northern Rhodesia (Richards, 1951 [1939]). Nele, as funções sociais da comida são tratadas longa e admiravelmente, mas a própria comida também recebe muita atenção”. (Mintz, 2001. p. 31). Aqui a autora demonstra a força da comida em relação a necessidades fisiológicas, e as capacidades psicológicas da comida em relação a formação do indivíduo e as capacidades emocionais. Comer é mais forte do que os impulsos sexuais, “a prosperidade nos leva a esquecer o quanto a fome pode ser impositiva, mas mesmo nesses períodos os hábitos alimentares continuam sendo veículos de profunda emoção.” (Mintz, 2001. p. 32).

A comida, em seu sentido mais amplo, tem um carácter performativo⁹. O cheiro também performa no sentido de que, quando ele aparece, os vínculos afetivos são retomados, o acesso aos conhecimentos aprendidos ao redor da comida e das relações de parentesco. O cheiro como signo, a comida e a cozinha performam na condução do recebimento de um novo membro da família e fornece meios para sua iniciação cultural. Um bebê torna-se parente comendo comida verdadeira, preparada por parentes, e correspondendo às pessoas que o alimentam e cuidam com termos de parentesco. “O parentesco, entendido como a produção da semelhança e da identidade (consanguinidade), é a memória desses atos de cuidados mútuos.” (Dos Santos e Cerqueira, 2024. p. 4).

Analise a partir do nível da frase:

⁹ Segundo John Austin, na Teoria dos Atos de Fala, “Austin questiona os pressupostos mais basilares da filosofia analítica, afirmando que não há como separar fato de valor. Para o autor, todo ato possui um caráter performativo, já que quando dizemos algo, estamos fazendo algo. Todo ato de nomear é um ato de valoração. Os atos que emitimos são performativos, causam impactos e têm consequências éticas e políticas.” (Chagas, 2016. p. 46).

“No gesto de sovar o pão, minha mãe contava histórias que a escola nunca ensinou — e cada fermento que crescia trazia um passado que recusava desaparecer. Lembro-me de cada cheiro!”

Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Aqui, brevemente, nos propomos a fazer uma análise da enunciação no sentido de dizer que a análise do enunciado, portanto, discurso, “diferencia-se das outras técnicas de análise de conteúdo porque se apoia na concepção da comunicação como um processo.” (Cappelle et al., 2011, p. 8). Nesta frase carregada de memória, podemos verificar o caráter performativo do enunciado. O gesto enunciado se ampara no passado, pela frase resumir uma experiência vivida. Necessariamente, a mesma frase, pode se encontrar enunciada quando se realiza a prática descrita na frase, ou seja, vendo alguém sovar um pão, a frase é resgatada e proferida novamente. O que nos leva a compreender que a enunciação estabelece seus critérios para a categoria de tempo. Assim estabelece o que Benveniste já havia nos apresentado, pois a temporalidade é quadro inato do pensamento, “ela é produzida na verdade, na e pela enunciação. Da enunciação precede a instauração da categoria presente, e da categoria do presente nasce a categoria do tempo” (Benveniste, 1989, p. 85).

Ao enunciar uma frase que reúne história e aprendizagem por meio de uma retomada de memórias afetivas, pressupõe um outro para o qual o meu ensinamento se dirige e é suscetível a aprender. O uso de sinestesia na frase enunciada, faz jus a um fator chave para concessão de sentido prático e engajamento do ouvinte, presentes no nível da enunciação. Quando se diz - o gesto de sovar o pão - a sinestesia se apresenta para o discurso, sensação vivida na pele, no toque das mãos. Faz o outro resgatar em sua memória um momento igual ou semelhante ao enunciado descrito.

Retomando a frase em sua integridade:

“No gesto de sovar o pão, minha mãe contava histórias que a escola nunca ensinou — e cada fermento que crescia trazia um passado que recusava desaparecer. Lembro-me de cada cheiro!”

Fonte: Relatos pessoais, 2021.

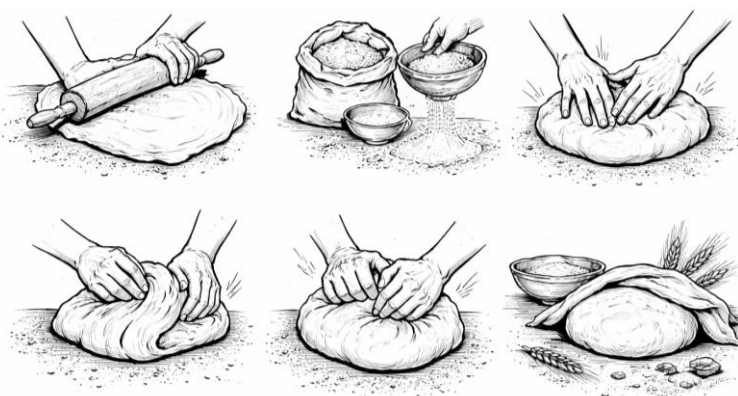
É importante a tentativa de mapear em que instância o crivo da análise do discurso a enquadra. É facilmente compreensível quando se trata de uma frase de cunho político, sobretudo proferida por político profissional. Análise do discurso político é uma ampla área de atuação destes analistas. Mas, e quando uma frase que, na maioria das vezes passa despercebido, por se fazer presente na perenidade das frases ditas durante um dia inteiro. Nos estudos de

filosofia da linguagem, este recorte faz parte do gênero diálogos do cotidiano, como suscita Bakhtin. Dessa forma, “os enunciados e o tipo a que pertencem, (cotidiano), ou seja, os gêneros do discurso, são as correias de transmissão que levam da história da sociedade à história da língua. (Bakhtin, 2016).

A frase enquadra-se, também, na classificação proposta por Adam Schaff, quando propõe sobre frases que carregam signos naturais e signos artificiais. Neste caso, compreendo esta enunciação como sendo um desdobramento do signo de natureza. Assim, são os fenômenos da natureza que servem de veículo para nos fazer perceber um outro fenômeno natural, “são expressões de um dado conteúdo. São denominados também índices ou sintomas. Assim, a fumaça (expressão) indica a existência de fogo (conteúdo)” (Fiorin, 2003, P. 71). Neste sentido, no recorte da frase - No gesto de sovar o pão, minha mãe contava histórias que a escola nunca ensinou - (expressão); indica a existência de um lugar, um certo cheiro que contorna o fato narrado e uma temporalidade (conteúdo).

Quando se verifica na frase - um passado que recusava a desaparecer - o discurso retoma, portanto, uma correia de transmissão histórica-familiar. O gesto de sovar, retoma também, a lembrança visual das disposições materiais para que o gesto de sovar o pão se realize. Quer dizer que há um resgate das cenas, o resgate da imagem acústica, olfativa, impressa na memória. Ela é capaz de reassumir a imagem da mesa de mármore em que se sova o pão e a disposição do pacote de trigo ao lado, que assiste a plasticidade das técnicas do movimento da mão que sova a massa. O olfato é uma ferramenta de organização nas relações no tempo e no espaço.

Figura 2 – Sequência de preparo da massa de pão: abertura, enfarinhamento, pressão, dobra, sova e repouso.



Fonte: Elaboração própria (ChatGPT, 2026).

A derivação do verbo contar, - contava -, transmitia, no momento da pronúncia da frase, faz-se perceber a transmissão do conhecimento em oposição da normatividade escolar. Reitera o caráter pedagógico de um enunciado estruturado na tradição, para o aproveitamento social na educação de um indivíduo. Diante disso, o crescimento do pão, esconde a presença dos ovos e do trigo, fundamentais para a receita. Esses são os “não ditos” que todo enunciado carrega consigo.

Amplamente utilizado, trigo e ovos possuem cheiros específicos, que são dispostos como recurso simbólico numa tentativa de resgatar um momento, um aprendizado, uma técnica (sobre ponto de vista de sovar) que pode ser alterada, na medida em que os ovos umedecem a massa, para mais ou para menos. Com exceções, esta é, talvez, uma cena, um momento temporal da vida, que compõe a trajetória de muitos indivíduos. Para tanto, uma frase com lembranças e experiências práticas, essas duas conjunturas produz meios para se atingir o significado.

A formulação que projeta a experiência descrita na frase, uma imagem, é um dos fatos que o signo proporciona. Nesse caso, a união visual e olfativa na formulação do signo. Relatar em forma de imagem algo vivido não é coisa recente. Desde os primórdios da convivência humana experiências são gravadas, descritas em imagem, para que a mesma alcance, em algum momento, um relance do acontecimento vivido no passado. A produção do abstrato aprimorou a experiência humana.

O rastro de excrementos deixados por um mamute no pleistoceno, bem como as carcaças deixadas pelo smilodon, conduziram os humanos da época à uma boa caçada ou os alertava para fuga de seus potenciais predadores. A representação gravada nas paredes das cavernas, bem como a imagem que se cria ao ler a frase em questão, é permeada por cheiro. Dessa forma, “temos certeza de que o grafismo começa não por uma representação inocente do real, mas sim do abstrato” (Leroi-Gourhan, 2002, p. 189). Isto posto, a imagem propriamente dita (ou a imagem impressa na mente) possui uma liberdade dimensional que a escrita não pode proporcionar, a imagem pode “desencadear um processo verbal que na recitação de um mito, a que a imagem não está diretamente ligada, e cujo contexto desaparece com o recitador”. (Leroi-Gourhan, 2002, p. 195).

O cheiro como enunciado sensível: discurso, memória e identidade no espaço da cozinha

No recorte do discurso e suas ramificações de análise, é possível ter como objeto, diversos contextos. A cozinha, muitas vezes reduzida a um espaço funcional e doméstico, pode ser ressignificada como um território discursivo, no qual os sentidos – especialmente o olfato – operam como modos de significação do mundo, da memória e da identidade. A capacidade olfativa é a ferramenta que faz perceber os cheiros e ativa a memória dos que por aquela cozinha e corredores circulam, “o cheiro é uma das maneiras possíveis de percepção do meio ambiente e de expressão da existência do “organismo/pessoa” (Ingold, 2000, p. 95).” (Medeiros, 2014. p. 77).

O cheiro, nesse contexto, não é apenas estímulo sensorial: ele é signo, memória incorporada, vestígio de histórias que circulam entre corpos, práticas e saberes. Como menciona Courtine (2006), o discurso atravessa e é atravessado por corpos e experiências. Na cozinha, o cheiro materializa o tempo e ativa discursos que nem sempre são falados, mas que se atualizam na sensorialidade do ambiente, tornando-se parte de uma memória coletiva e afetiva. O espaço da cozinha é um espaço de memória coletiva. Ao contrário do que propõe o paradigma ocularcentrista¹⁰ que dominou por séculos as ciências da linguagem, o olfato é um sentido íntimo, penetrante, indomável – como assinala Süskind (1985), “um irmão da respiração”.

Não se escapa ao cheiro. Na cozinha, esse cheiro está associado a alimentos, a gestos repetidos, a presenças e ausências, a receitas que carregam vozes e tradições. Cheirar a comida da infância é, frequentemente, recordar a avó sem que se precise nomeá-la: é deixar que o discurso do corpo diga aquilo que a palavra não alcança. Como ponderamos anteriormente, há condições no qual, p. ex. o grafismo e os cheiros, atingem perspectivas para além da linguagem.

Flavia Medeiros, em seu excelente artigo intitulado Visão e o cheiro dos mortos: uma experiência etnográfica no Instituto Médico-Legal,¹¹ busca nos romances um recorte que melhor expressa a perspectiva olfativa como recurso analítico tanto para o discurso como para a pesquisa etnográfica.

Nos cabe mencionar:

[...] as pessoas podiam fechar os olhos diante da grandeza, do assustador, da beleza, e podiam tapar os ouvidos diante da melodia ou de palavras sedutoras. Mas não podiam escapar ao aroma. Pois o aroma é um irmão da respiração - ele penetra nas pessoas, elas não podem escapar-lhe caso queiram viver. E bem para dentro delas é que vai o aroma, diretamente para o coração,

¹⁰ Ênfase excessiva na visão e no olhar como forma privilegiada de percepção e conhecimento na cultura ocidental

¹¹ DOI 10.11606/issn.2316-9133.v23i23p77-89

distinguindo lá categoricamente entre atração e menosprezo, nojo e prazer, amor e ódio. Quem dominasse os odores dominaria o coração das pessoas. (Patrick Süskind, 1985).

A obra *A Ordem do Discurso*, de Michel Foucault, contribui para a reflexão ao destacar que o discurso é regulado por mecanismos de exclusão, controle e validação. Foucault afirma que “[...] a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos cujo papel é conjurar seus poderes e perigos” (Foucault, 1996). Aplicando essa ideia ao domínio do sensível, é possível argumentar que os cheiros também passam por uma ordem do discurso: há odores considerados aceitáveis e desejáveis, e outros vistos como repulsivos ou fora de lugar. A cozinha, nesse contexto, é um espaço de controle olfativo — o cheiro do café passado é valorizado, enquanto o odor de alimentos fermentados ou "estranhos" pode ser rejeitado e silenciado.

Além disso, como propõe Orlandi (2007), o discurso sempre emerge a partir de condições materiais de produção. Há sempre arredores fundamentais para a produção do discurso, mesmo que imperceptíveis. A cozinha, nesse caso, é uma formação discursiva que expressa regimes de saber e de poder: quem cozinha, o que se cozinha, como se cozinha e para quem se cozinha são perguntas que remetem a posições ideológicas e sociais. Aqui, vale ressaltar, uma abordagem que neste artigo nos escapa, mas é de suma importância: a cozinha é espaço de divisão sexual do trabalho, assim, enquanto “as mulheres estão relacionadas ao trabalho culinário cotidiano, o trabalho masculino se direciona para as atividades vistas como especializadas e privilegiadas no mundo do trabalho em cozinha” (Silva, Rezende e Machado, 2018, p. 284).

Quando alguém reconhece o cheiro de um prato sem vê-lo, ou distingue o tempero “de casa”, o que está em jogo não é apenas o reconhecimento químico de uma substância, mas a ativação de memórias discursivas incorporadas. Neste aspecto, menciono uma experiência vivida. Muito comum na região Norte do país. A produção do azeite de coco é vista como uma iguaria aos de fora. Mas uma forma de sobrevivência econômica aos trabalhadores do interior. Sem recursos financeiros, a produção do azeite de coco indica não só uma manutenção da cultura e tradição regional, mas um recurso para se cozinha tendo em vista o difícil acesso ao óleo de soja, em certas localidades. O cheiro do azeite de coco é peculiar, uns gostam, outros detestam. Lembro-me de ouvir - “porque você não cozinha com óleo normal?” - Isso é mais do que necessário para demonstrar que além do cheiro, o azeite de coco pode ser compreendido como demarcador econômico. O ‘óleo normal’ não indicaria outra coisa senão o produto amplamente consumido, o bom, o comum, o socialmente aceito. É nesse ponto que a cozinha

se torna arquivo vivo. O cheiro do alimento ativa cenas passadas, pessoas ausentes, narrativas não-ditas. O cheiro faz lembrar – e lembrar é um ato discursivo.

Retomando o artigo de Flavia Medeiros, em entrevista com as zeladoras do IML, ela menciona “- ver morto a gente se acostuma, mas o cheiro mexe com a gente diferente... nem sempre tem como controlar -, me explicou uma das serventes. Para ela, o cheiro é um daqueles sentidos cuja percepção atinge os sentimentos” (Medeiros, 2014. p. 85). Nessa chave, o olfato se apresenta como uma via de inscrição discursiva: o sujeito que sente um cheiro não apenas reconhece um estímulo, mas ativa um campo simbólico, uma cena, que pode incluir lembranças, afetos e hierarquias sociais. Cheiros “sofisticados” e “comuns” são marcadores de classe, de gosto, de distinção.

Considerações

O presente artigo teve como principal movimento metodológico a tentativa de tornar o comum em algo estranho, lançando um olhar investigativo sobre o espaço cotidiano da cozinha. Embora a antropologia já tenha se debruçado sobre análises intimistas que envolvem a prática alimentar e a cultura, demonstrou-se que a intersecção dessas vivências com as perspectivas teóricas da linguagem e dos signos linguísticos configura-se como um movimento interdisciplinar proveitoso. Essa união permitiu ressignificar a cozinha, retirando-a de uma visão puramente utilitária e revelando-a como um complexo território discursivo e arquivo vivo de memórias.

Dentre as principais intersecções realizadas, destaca-se a expansão da noção clássica de "imagem acústica" postulada por Saussure para o domínio sensorial. O estudo evidenciou que o olfato opera ativamente como um signo de caráter psíquico e um "enunciado sensível". O cheiro revelou possuir força performativa, atuando como gatilho capaz de materializar vivências passadas, ativar laços de parentesco e estabelecer demarcações sociais e identitárias — dinâmicas visíveis nos contrastes culturais e econômicos apontados pelo uso do azeite de dendê e do azeite de coco. Ademais, o diálogo com a Análise do Discurso possibilitou constatar que os aromas não escapam a uma "ordem do discurso"; pelo contrário, eles reproduzem lógicas de controle, classe e ideologia nas relações sociais.

Por fim, as reflexões aqui tecidas reforçam a importância de extrair a dimensão científica e simbólica daquilo que é vivido diariamente. A Análise do Discurso, costumeiramente voltada aos grandes campos de disputas institucionais ou recortes amplos, prova possuir ferramentas valiosas para dar conta de "recortes menores", sensoriais e diários.

O esforço de imbricação teórica apresentado consolida-se, portanto, como uma tentativa válida de alargar as fronteiras da compreensão sobre a enunciação, provando de forma cabal que o discurso não se encerra apenas na palavra falada ou escrita, mas ganha corpo, significado e perenidade nos aromas que nos cercam.

Referências:

- ATEM, Guilherme Nery; ABREU, Fernanda Ferreira de. O perfume do mundo: consumo de experiências de marca pelo olfato. *Signos do Consumo*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 4-14, jul./dez. 2018. DOI: 10.11606/issn.1984-5057.v10i2p4-14.
- AUSTIN, John L. Quando dizer é fazer: palavras e ação. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 261-306.
- BENVENISTE, Émile. *Problems in General Linguistics*. Tradução de Mary Elizabeth Meek. Coral Gables: University of Miami Press, 1971.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Tradução de Maria Sílvia Dias Pereira. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- _____. A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer. Tradução de Maria da Graça Joly. São Paulo: Edusp, 1996.
- _____. A miséria do mundo. Petrópolis: Vozes, 1993.
- _____. Coisas ditas. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise M. Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. Questões de sociologia. Tradução de Lúcia Machado. Lisboa: Fim de Século, 2004.
- CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves; MELO, Marlene Catarina de Oliveira Lopes; GONÇALVES, Carlos Alberto. Análise de conteúdo e análise do discurso nas ciências sociais. *Organizações Rurais & Agroindustriais*, v. 5, n. 1, p. 1-15, 2011. Disponível em: <https://www.revista.dae.ufla.br/index.php/ora/article/view/251>. Acesso em: 24 jul. 2025.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; STEIL, Carlos Alberto (org.). *Cultura, percepção e ambiente: diálogos com Tim Ingold*. São Paulo: Terceiro Nome, 2019. 240 p. ISBN 978-85-7816-267-2.
- CERQUEIRA, Ana Carneiro; SANTOS, Júlia Otero dos. Criações da cozinha: corpos, pessoas e relações em contextos indígenas, camponeses e quilombolas. *Revista Antropologia*, São Paulo, v. 67, e210329, 2024.
- FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à linguística II: princípios de análise*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2017. 264 p. ISBN 978-85-7244-221-3.
- FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996. 79 p. ISBN 978-85-15-01359-3.

- FREUD, Sigmund. Estudos sobre a histeria (1893-1895). In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 2.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- INGOLD, Tim. The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill. London; New York: Routledge, 2000. 465 p. ISBN 978-0-415-22831-2.
- KOCH, Ingedore Villaça (org.). Introdução à linguística: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. (org.). Introdução à linguística: princípios e análises. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2022.
- LEROI-GOURHAN, André. O gesto e a palavra: técnica e linguagem. Teresópolis: Edições 70, 1985. 240 p. ISBN 978-972-440-317-5.
- _____. O gesto e a palavra: a memória e os ritmos. Teresópolis: Edições 70, 1985. 256 p. ISBN 978-972-440-318-2.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Tristes trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2010.
- MAINGUENEAU, Dominique. Gêneros e cenografia do discurso. In: SIGNORINI, Inês (org.). Gêneros e materialidades do discurso. Campinas: Mercado de Letras, 2008. p. 115-136.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MEDEIROS, Flavia. Visão e o cheiro dos mortos: uma experiência etnográfica no Instituto Médico-Legal. Cadernos de Campo, São Paulo, v. 23, n. 23, p. 77-89, dez. 2014. DOI: 10.11606/issn.2316-9133.v23i23p77-89.
- MINTZ, Sidney W. Comida e Antropologia: uma breve revisão. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 16, n. 47, p. 31-41, out. 2001. DOI: 10.1590/S0102-69092001000300002.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso: princípios e procedimentos. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007.
- PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, José Luiz (org.). Introdução à linguística I: objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2002. p. 11-24.
- RENOLDI, Valéria. Cheiro e subjetividade. Triade: comunicação, cultura e mídia, São Paulo, n. 7, p. 59-68, 2007.
- RICHARDS, Audrey I. Land, labour and diet in Northern Rhodesia: an economic study of the Bemba tribe. London: Oxford University Press, 1939.
- SANTOS, Cláudia Regina Mota dos; LIMA, Márcia Machado de. Os excluídos do interior: o que jovens de uma turma de regime de progressão parcial fazem pensar sobre a escola de periferia. Revista Inter-Ação, Goiânia, v. 48, n. 2, p. 378-397, 2023. DOI: 10.5216/ia.v48i2.75441.
- SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de linguística geral. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

A GRAMÁTICA DOS SABORES:
signo linguístico e os discursos no espaço da cozinha
Pedro Henrique da Silva Guimarães; Fernando Lionel Quiroga;
Ismênia Maria de França Soares Andrade; Kelly Aparecida dos Santos Ambrósio

SAUTCHUCK, Carlos Emanuel. O arpão e o anzol: técnica e pessoa no estuário do Amazonas. Goiânia: Editora da UFG, 2007.

SÜSKIND, Patrick. O perfume: a história de um assassino. Tradução de Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Record, 1985.

TURNER, Victor W. O processo ritual: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

VAN DIJK, Teun A. Discurso e poder. Tradução de Pedro Demenech. São Paulo: Contexto, 2008.